
A linguagem e os problemas de competência pragmática e competência lingüística na interpretação semântica das Escrituras

ALEXANDRE ISRAEL PINTO*

RESUMO

Este Projeto de Iniciação Científica foi desenvolvido através do Proc. n° 1813/2001-PES do programa PIC-CNPq/UEM. Teve por objetivo levantar alguns questionamentos sobre os critérios usados nas traduções das Escrituras. É certo que toda tradução da Bíblia, ainda que levada a termo por íntegros peritos bíblicos, é por um lado trabalho humano e, como tal, sujeito a equívocos; por outro lado, é também suscetível de melhorias. Assim sendo, visando a contribuir de alguma forma na área de tradução, fizemos uma breve reflexão sobre algumas questões que, nós acreditamos, devem ser repensadas por alguns especialistas da área de tradução bíblica.

Palavras-chave: Linguagem. Problemas. Escrituras.

INTRODUÇÃO

É um assunto de muita responsabilidade traduzir as Escrituras dos idiomas originais Aramaico e Hebraico para um idioma moderno como o Português. Entretanto, as versões, ou traduções são necessárias para o uso das pessoas que ignoram as línguas originais. O físico e astrônomo italiano Galileu Galilei (1564-1642) ousou questionar as traduções bíblicas quando defendeu a teoria de que a Terra era redonda, dizendo: “Não a Terra, mas o Sol é o centro do sistema solar. A Terra é um globo, e não um disco. Gira em torno do Sol. Os textos da Bíblia que afirmam o contrário estão simplesmente errados” (ALLGEIER, 1983). Se observarmos as discussões existentes sobre as traduções bíblicas, veremos que sempre houve uma problemática quanto às traduções

* Acadêmico do 1º ano do Curso de Psicologia da UNINGÁ.

dos originais. Assim, quais foram os critérios utilizados para a tradução dos originais para o Português?

Sabe-se que as versões em Português iniciaram-se em 1495. Em 1753, apareceu a tradução da Bíblia Sagrada inteira, feita pelo protestante João Ferreira de Almeida. Em 1819, foi publicada a tradução da Bíblia Sagrada pelo padre Antônio Pereira de Figueiredo. Este incluiu em sua tradução os chamados livros apócrifos, que o Concílio de Trento havia acrescentado aos livros canônicos em 08 de abril de 1546.

A versão brasileira de toda a Bíblia Sagrada foi editada em 1917, por uma comissão protestante composta de eruditos no vernáculo, entre eles o gramático Eduardo Carlos Pereira. Coube ao padre Mattos Soares publicar, em 1930, a tradução mais popular da Bíblia Sagrada entre os católicos na atualidade. Baseada na Vulgata Latina, essa tradução possui notas entre parêntesis defendendo os dogmas da Igreja Romana. Por esse motivo, recebeu apoio papal em 1932, conforme está registrado na “ADVERTÊNCIA” (p. 06) do livro “A ARTE DE MORRER – Os Sermões de Quarta-feira de Cinza”, de Antônio Vieira (1608-1697), organizado por Pécora (1994).

São, também, dignas de referência: “A Bíblia traduzida pelos monges de Meredsous”; “A Bíblia de Jerusalém”, traduzida pela Escola Bíblica de Jerusalém (padres dominicanos), e editada no Brasil por Edições Paulinas em 1981, com notas, e a Edição Integral da Bíblia, trabalho de diversos tradutores, editado por Editora Vozes e pelo Círculo do Livro, também com notas.

REFERENCIAL TEÓRICO

Partindo do pressuposto de que “todas as religiões principais se expandiram além das fronteiras do território onde tiveram sua origem, a tradução e a interpretação têm sido fundamentais para a vida religiosa de muitos povos, embora tenham servido a objetivos distintos, dependendo da natureza de cada religião.” (DELISLE e WOODSWORTH, 1998). E considerando que tradução é uma atividade humana realizada através de estratégias mentais empregadas na tarefa de transferir significados de um código lingüístico para outro, e que, segundo Nida, “algumas populações preferem que seja dada ao texto bíblico uma tradução totalmente fiel à forma, totalmente literal, mesmo que seu resultado seja um texto incompreensível para os falantes da língua da tradução” (BARBOSA, 1990), torna-se relevante trazer este tema para análise. Verificamos, portanto, que a fidelidade traz uma certa tensão entre conteúdo e forma. Para a tradutora H. G. Barbosa, uma das perguntas mais antigas acerca da tradução é: “a tradução deve ser literal, palavra-por-palavra, mantendo estrita fidelidade à forma, ou deve não se preocupar com a forma e se manter fiel apenas ao conteúdo, ou deve, ainda, ser alguma outra coisa?” (BARBOSA, 1990).

Segundo a professora Rosemary Arrojo, Eugene Nida vem alargar a imagem de tradução através da comparação das palavras de uma sentença com vários vagões de um trem de carga. Assim, a carga seria distribuída entre os diferentes vagões de maneira desigual. Dessa forma, um vagão poderia conter muita carga, enquanto outro poderia carregar muito pouca carga. No caso de ser uma carga muito grande, deverá ser dividida entre vários vagões.

Da mesma forma, orienta Nida, muitas palavras “carregam” vários conceitos e outras têm que se ajuntar para conter apenas um. De maneira que o importante no transporte da carga não é quais vagões carregam quais cargas, nem a seqüência em que os vagões estão dispostos, e sim, que os volumes alcancem seu destino (ARROJO, 1999).

Entendemos que, para Nida, o fundamental no processo de tradução é que todos os componentes significativos do original alcancem a língua-alvo de tal forma que possam ser usados pelos receptores.

Se compararmos o tradutor ao encarregado do transporte dessa carga, assumiremos que sua função, meramente mecânica, se restringe a garantir que a carga chegue intacta ao seu destino. Assim, o tradutor traduz, isto é, transporta a carga de significados, mas não deve interferir nela, não deve “interpretá-la”. (ARROJO, 1999).

Portanto, num estudo dessa natureza, importa, antes de mais nada, dizer que qualquer comentário que venha a se fazer aqui está longe de ser exaustivo, pois é inesgotável; ele apenas vem trazer algumas sugestões ao que chamamos “A linguagem e os problemas de competência pragmática e competência lingüística na interpretação semântica das escrituras”.

ANÁLISE

A princípio, usaremos como exemplo a passagem de Gênesis 12:2.

(Original/Hebraico)¹

ואעשך לגוי ואברכך ואגדלה שמך והיה ברכה

(Ve'e'escha legoy-gadol va'avarechecha va'agadelah shemecha **veheveh berachah**)

“Eu farei de ti um grande povo, eu te abençoarei, engrandecerei teu nome; sê tu uma bênção!” (Católica/De Jerusalém, 1981).

“Farei de ti uma grande nação; eu te abençoarei e exaltarei o teu nome, e tu serás uma fonte de bênçãos.” (Católica/Ave Maria, 1997).

“E far-te-ei uma grande nação, e abençoar-te-ei, e engrandecerei o teu nome, e tu serás uma bênção.” (Protestante/Corrigida, 1989).

“...de ti farei uma grande nação, e te abençoarei, e te engrandecerei o nome. Sê tu uma bênção!” (Protestante/Atualizada, 1993).

Quanto aos enunciados traduzidos e aqui mencionados, podemos dizer que, eventualmente, mesmo especialistas podem cometer lapsos de interpretação. Já que nos originais Aramaico e Hebraico não se usa pontuação, qual delas em Português seria a correta?

¹ Todos os grifos são do autor.

Quando se quer dar a interpretação de algum texto bíblico, é necessário utilizar todos os recursos da hermenêutica, e quando necessário, da exegese. O uso de dois pontos, ponto-e-vírgula, ponto de exclamação ou simplesmente ponto final (que são utilizados indistintamente em várias versões da Bíblia Sagrada neste mesmo versículo), nesse caso, não afeta o sentido da frase, pois foi utilizado um verbo no modo imperativo “sê”. Mas, talvez em outra passagem pudesse afetar.

É preciso tomar cuidado com o método de interpretação alegórico. Isto é, o tradutor das Sagradas Escrituras decide espiritualizar o texto mesmo que o seu contexto seja literal. Isto definitivamente rouba do autor a sua autoridade e o significado do texto fica inteiramente dependente do leitor. A Bíblia Sagrada pode assim ser manipulada para dizer qualquer coisa.

Parafraseando Gaarder (1998), o Cristianismo tem um pano de fundo semita (caldeus, cananeus, arameus, árabes, hebreus, etc.). O Antigo Testamento (Torah) foi escrito em línguas semitas. Uma das palavras do Antigo Testamento, usada pelos hebreus, para “Deus” (El) tem, por isso, a mesma raiz lingüística de Allah, dos árabes (a palavra Allah significa “Deus”).

Assim, uma vez que, novamente, concordando com Gaarder (1998, p. 17):

Para os indo-europeus, o mais importante dos sentidos era a visão. Igualmente interessante é saber que para o mundo semita a *audição* desempenhava um papel preponderante. Não é por acaso que a profissão de fé judaica começa com a frase: “Ouve, Israel!”. No Antigo Testamento lemos que as pessoas “ouviam” as palavras do Senhor e os profetas judeus gostavam de começar suas pregações com a fórmula “Assim falou Jeová” (Deus).

Realmente, os profetas judeus sempre começavam suas pregações com: “Va'ah Yiomer Elohim” (Assim falou “Deus”). Segundo alguns historiadores, acredita-se que o Pentateuco (os cinco primeiros livros da Bíblia Sagrada) começou a ser compilado por volta do ano 1000 a.C. no reinado de Shaul (Saul), pois havia a necessidade de legitimar o seu reinado. Até então, somente os Dez Mandamentos existiam na língua hebraica; estes eram considerados como Lei Escrita, os demais ensinamentos eram considerados como Lei Oral. A Lei Oral era passada de pai para filho pela linguagem falada, portanto a entonação de voz era importantíssima para dar o verdadeiro significado da mesma.

Outro exemplo dessa problemática encontramos na tradução da passagem de Gênesis, 6:6.

(Original/Hebraico)²

וַיִּנְחַם יְהוָה כִּי־עָשָׂה אֶת־הָאָדָם בָּאָרֶץ וַיִּתְעַצֵּב אֱלֹהִים

(**V'avanahem** adonai Ki-assah Et-Haadam BaAretz Vaytheatzev El-Libao)

“Iahweh arrependeu-se de ter feito o homem sobre a terra, e afligiu-se o seu coração.” (Católica/De Jerusalém, 1981).

“...então, se arrependeu o SENHOR de ter feito o homem na terra, e isso lhe pesou no coração.” (Protestante/Atualizada, 1993).

² Todos os grifos são do autor.

Nesse caso, o termo “vaynahem” foi traduzido para o Português como “arrependeu-se” ou “se arrependeu”, enquanto que em Hebraico, o termo em questão, vem da raiz “nahem” que pode ter além de “arrepender”, outros significados como: “ter pena”, “encontrar consolo”, “ser consolado”, “consolar-se”, “lamentar”, “sentir desgosto”, “sentir compaixão de”, “afligir-se demais” ou até “rito de luto”.

Portanto, considerando o contexto de pensamento judaico, a melhor tradução aqui seria “lamentou-se” ou “teve pena”, já que para os hebreus “Deus” não se arrepende (ver Números, 23:19).

Verificamos, também, algumas dificuldades existentes em relação à tradução dos nomes de personagens bíblicos. No Gênesis, cap. 10, vs. 1, encontramos os nomes dos filhos de Noach (Noé) traduzidos para o Português da seguinte forma: Sem, Cam e Jafet, ou Sem, Cão e Jafé.

É importante saber que alguns historiadores judeus defendem que desses três filhos de Noach (Noé) surgiram os grupos étnicos pardos, negros e brancos; sendo:

Shem (ancestral dos Semitas = Pardos)
Noach → Cham (ancestral dos Camitas, povos da África = Negros)
Yaphet (ancestral dos Celtas, Persas, Gregos = Brancos)

Dessa forma, a tradução do nome “Cham” para o Português, em algumas traduções, foi inadequada. Cão em Português é sinônimo de Cachorro. Essa tradução não soaria mal? Será realmente importante a tradução de nome próprio?

Diante destas dificuldades, e outras não mencionadas, sugerimos que os atuais especialistas em traduções bíblicas observem a figura de Shaul (Paulo)³. Este é reconhecido, pelos cristãos, como um dos maiores intérpretes e tradutores da Bíblia cristã para o Grego. Quais os critérios e métodos que Shaul (Paulo) utilizou para traduzir “fielmente” aos gregos, os escritos e ensinamentos recebidos em um contexto familiar judaico? Vemos um exemplo disso no livro de Atos dos Apóstolos, cap.17:16-34; ali é relatado que Shaul (Paulo), estando em Atenas, foi questionado por alguns filósofos epicureus e estoicos a respeito de sua argumentação. A questão é como que Shaul (Paulo), sendo judeu e tendo uma concepção de pecado “hatáh” (concepção hebraica), fez para traduzi-la aos gregos que tinham uma outra concepção de pecado “hamartia” (concepção grega)?

CONCLUSÃO

Concluimos que tem havido muitas traduções totais e parciais das Escrituras que padecem de dificuldades decorrentes de arcaísmos, muitas vezes, tão obscuros no seu contexto que têm dado margem até a interpretações equivocadas. Vejamos, por

³ Shaul haTarshish (Saulo de Tarso), mais conhecido como “Apóstolo São Paulo” (título dado ao nome grego). Foi um Judeu que havia saído pela diáspora descontente com a Escola de Shamai e entusiasmado com o que havia aprendido de Gamaliel (este discípulo da Escola de Hilel), não entendeu a proposta de equilíbrio ensinada pelo rabino Yeshua (Jesus). Ensinou que o Judaísmo estava errado por não aceitar o helenismo greco-romano, no qual ele (Apóstolo Paulo) foi criado, e isso fez com que ele arrebanhasse seguidores de várias culturas e creanças. Alguns anos mais tarde ele e seus seguidores fundaram o que hoje é conhecido como Cristianismo.

exemplo, dois dos vários textos do chamado “Novo Testamento”, que tem provocado sérias controvérsias entre judeus messiânicos, católicos e protestantes:

Gálatas 3:10

“Todos aqueles que dependem das obras da Lei estão debaixo da maldição, porque está escrito: Maldito aquele que não cumpre todas as prescrições do Livro da Lei, para as praticar.” (Católica/Papal, 1989).

“Todos quantos, pois, são das obras da lei estão debaixo de maldição; porque está escrito: Maldito todo aquele que não permanece em todas as cousas escritas no livro da lei, para praticá-las.” (Protestante/Atualizada, 1993).

Romanos 3:20

“...porque pelas boas obras da lei não será justificada diante d’Ele criatura alguma, porque pela lei é que vem o conhecimento do pecado.” (Católica/Papal, 1989).

“...visto que ninguém será justificado diante dele por obras da lei, em razão de que pela lei vem o pleno conhecimento do pecado.” (Protestante/Atualizada, 1993).

A má interpretação e, conseqüentemente, a tradução equivocada é causada, no entanto, quando Shaul (Paulo) usa as expressões compostas no grego "ergon nomos" e "hupo nomos", traduzidas respectivamente por “obras da lei” e “debaixo da lei”. Analisando os versículos em que elas aparecem, percebemos que as mesmas são usadas no sentido negativo, e assim não se referem à Torah (Lei de Moisés), que era vista por Yeshua (Jesus) como Santa, Justa e Boa.

Na realidade, fazendo uma análise detalhada destes versículos; percebemos que "hupo nomos" se refere não à Torah (Lei de Moisés), mas sim a uma perversão legalista da Torah (Lei de Moisés), que estabelece a obediência à Torah (Lei de Moisés) como condição “sine qua non” para a redenção, anulando, assim, a possibilidade de redenção nas Leis Noéticas. Nesse caso, houve uma dificuldade por parte do tradutor de esclarecer essa idéia de Shaul (Paulo).

Segundo Shaul (Paulo), a Torah (Lei de Moisés) jamais foi dada para a redenção por meio de uma interpretação legalista radical, mas sim para ser obedecida antes, durante e mesmo depois da presença de Yeshua HaMashiach (Jesus, o Messias). A conclusão que chegamos é que Shaul (Paulo) nunca combateu à obediência à Torah (Lei de Moisés), mas sim toda distorção e perversão legalista da mesma. Da mesma maneira, "ergon nomos" se refere à prática legalista da Torah (Lei de Moisés), visando à redenção exclusiva de Israel, anulando, assim, a possibilidade de redenção de outros povos.

Observamos que em Brit Chadasha, a melhor tradução para “ergon nomos” e “hupo nomos” do que “obras da lei” e “debaixo da lei”, respectivamente, é:

*“Todos quantos, pois, são da **observância legalista** da Torah estão debaixo de maldição; porque está escrito: Maldito todo aquele que não permanece em todas as coisas escritas no Livro da Torah, para praticá-las.” (Gálatas 3:10) (STERN, 2001).*

“Visto que ninguém será justificado diante dele por **observância legalista da Torah**, em razão de que pela Torah vem o pleno conhecimento do pecado” (Romanos 3:20) (STERN, 2001).

Segundo os ensinamentos de Shaul (Paulo), percebemos que ele procura transmitir que a Torah (Lei de Moisés) mostra às pessoas o quão pecadoras elas são, e portanto leva-as à necessidade de um “Messias” que as ajude na redenção. É interessante notar que o maior Salmo da Bíblia (Salmo 119) encerra como tema principal a própria Torah (Lei de Moisés). De fato, a palavra Torah, que literalmente significa “LEI”, aparece 25 vezes neste Salmo. Isso não pode passar despercebido, pois $25 = 5 \times 5$, e cinco é o número (na Cabala Judaica) da GRAÇA. No decorrer deste trabalho de pesquisa, percebemos que existe uma tendência por parte de alguns tradutores bíblicos de supervalorização da escrita na relação entre Aramaico/Hebraico e Português. O valor numérico das letras confirmam a tentativa de apoiar uma idéia sem olhar o contexto externo do discurso, é como se o texto por si só traduzisse o seu verdadeiro significado.

Segundo Vanoye (1991, p. 222):

Esta atitude religiosa – que, é claro, não precisa necessariamente ser praticada por religiosos para que o seja – possui um movimento rotineiro que consiste em retirar totalmente a significação do seu espaço *normal*, transferindo-a para a escrita enquanto tal. Escrever tornar-se-ia, assim, curiosamente, uma atividade que independe do que se escreve. É como se ela, a escrita, fosse soberana e que, fora do seu universo, nada fosse inteligível...

Na realidade, a própria revelação da Torah (Lei de Moisés) dada por “Deus” é uma manifestação da fala, pois foi dada oralmente a Moshe (Moisés). A fala é manifesta de maneira mais abundante ainda, na pessoa de Yeshua (Jesus), que, segundo especialistas cristãos, não deixou nada escrito. Portanto, a tradução bíblica é algo que não depende apenas da escrita bíblica.

Continuando com Vanoye (1991, p. 223):

A escrita adquire uma “importância imerecida” (Saussure fala ainda na “tirania da letra” e no “equivoco da escrita”) graças ao poder que ela tem de se perpetuar. A oralidade, por sua vez, é desprezada justamente pelo que possui de fugaz e passageiro, atributos que, vistos deste ângulo, acabariam por caracterizá-la negativamente. Esta idéia, aliás, já está expressa nos termos escolhidos por Saussure para descrever a escrita: *objeto sólido e permanente*. A estes aspectos da escrita ele contrapõe a noção de língua como *coisa viva* e móvel, ou melhor, como uma coisa que tem nessa modalidade a sua vida. Assim, o que antes parecia fraqueza é retomado como força, e a fugacidade da língua falada se transforma em crítica da perenidade da língua escrita.

Considerando o exposto acima, só temos a complementar que não é por acaso que a profissão de fé judaica começa com a frase: “Shema Yisrael!” (Ouve, Israel!). Isso mostra que no judaísmo (de onde vem a maior parte das Escrituras) a fala tem tanta importância quanto a escrita e perante estas e outras dificuldades de interpretação, Shaul (Paulo) foi um dos que se aventuraram a traduzir as Escrituras do Aramaico e Hebraico

para o Grego sem que houvesse grandes perdas, e, mesmo assim, ainda hoje há muitos que não conseguem entender o verdadeiro significado de suas traduções. É aí que se revela o tradutor, visto que o significado das palavras variam. Shaul (Paulo) procurou encontrar nesses casos o mais próximo do verdadeiro significado do Aramaico e Hebraico no Grego, mas não temos certeza se ele conseguiu. E no Português? Será que não houve uma super valorização da escrita nas traduções em Português? Este é o dilema dos nossos tradutores: desatar as inúmeras dificuldades que comumente se deparam ao traduzirem as Escrituras para o Português.

REFERÊNCIAS

- ARROJO, Rosemary. **Oficina de tradução: a teoria na prática**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1999.
- BARBOSA, Heloisa G.. **Procedimentos Técnicos da Tradução – Uma Nova Proposta**. Campinas: Pontes Editores, 1990.
- BEREZIN, Rifka. **Dicionário Hebraico-Português**. São Paulo: EDUSP, São Paulo, 1995.
- BÍBLIA, V.T.. Hebraico. **Bíblia Hebraica**. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1990.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Escola Bíblica de Jerusalém (Padres Dominicanos), Edições Paulinas, 1981.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. São Paulo: Monges de Meredsous (Bélgica) - Frei João José Pedreira de Castro, Editora Ave-Maria, 1997.
- BUNIM, Irving M.. **A Ética do Sinai – Ensinamentos dos Sábios do Talmud**. São Paulo: Sêfer, 1998.
- COMÊNIO, João Amós. **Didáctica Magna – Tratado da Arte Universal de Ensinar Tudo a Todos**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1985.
- DELISE, Jean e WOODSWORTH, Judith (orgs.). **Os tradutores na história**. São Paulo: Ática, 1998.
- GAARDER, Jostein. **O mundo de Sofia – Romance da História da Filosofia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- JOSEFO, Flávio. **História dos Hebreus**. São Paulo: Sêfer, 1990.
- LARBAUD, Valery. **Sob a Invocação de São Jerônimo – Ensaio sobre a arte e técnicas de tradução**. São Paulo: Mandarin, 2001.
- MELAMED, Meir Matzliah. **Torá – A Lei de Moisés**. São Paulo: Sêfer, 2001.
- NEUSNER, Jacob. **Um rabino conversa com Jesus – Um diálogo entre milênios e confissões**. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- PÉCORA, Alcir. **A arte de morrer – Os sermões de quarta-feira de cinza de Antônio Vieira**. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.
- STERN, David H.. **Manifesto judeu messiânico**. Rio de Janeiro: Edições Louva-a-Deus, 2001.
- VANOYE, Francis. **Uso da linguagem – Problemas e técnicas na produção oral e escrita**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.